
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

CORPOS ANDARILHOS NOS ESPAÇOS DAS CIDADES

Henrique Roriz Aarestrup Alves (UNEMAT)
hraalves@hotmail.com

RESUMO: Os romances *A fúria do corpo*, de João Gilberto Noll e *O rei de Havana*, de Pedro Juan Gutierrez, apresentam, em suas narrativas, intensas relações entre os corpos de seus personagens e os espaços de suas respectivas cidades, Rio de Janeiro e Havana. Nesses contatos, os corpos funcionam como referência identitária, intermediados por frequentes relações sexuais e diversos tipos de violência. Esse movimento parece encontrar ressonância no incessante perambular pelas cidades, indicando significativos deslocamentos e relativização de fronteiras.

PALAVRAS-CHAVE: erotismo; violência; corpo; cidade.

Tanto na narrativa de *A fúria do corpo*, de João Gilberto Noll, quanto na de *O rei de Havana*, de Pedro Juan Gutiérrez, haveria um retrocesso a um tempo anterior à política moderna de industrialização e de adoção de práticas higienistas, que tinha a pretensão de esterilizar, compartimentar e controlar os espaços urbanos das cidades. Cuba recebeu algumas influências iluministas durante os períodos de dominação espanhola e intervenção americana, de acordo com as tendências civilizatórias que ocorreram na América Latina. Entretanto, após a revolução de 1959, o processo de modernização das cidades assume um caráter diferenciado em termos ideológicos, pois abole a propriedade privada e coletiviza o sistema produtivo, ao contrário do positivismo capitalista da época anterior, mais ligado ao individualismo burguês. Mesmo que modificada pelo contexto socialista, alguns conceitos e práticas de origem européia continuaram compondo a cultura cubana, a qual organizara, à sua maneira, o controle sobre os espaços citadinos, realizando projetos habitacionais e urbanísticos, pautados pela pesquisa científica, principalmente na área da saúde. Nesse contexto, práticas sociais, como higiene pessoal e sexo, continuariam a ser consideradas inerentes à instância privada, apesar de seu controle pelo Estado enquanto representante da esfera pública. Todavia, na narrativa de Gutiérrez, esses projetos modernos de desenvolvimento das cidades cubanas, que pretendiam promover saúde e bem-estar

da população, mostram-se completamente falidos, pois o que se verifica é justamente o contrário: uma convulsão social generalizada, na qual imperam fome, doenças e degradação. Sendo assim, esse momento histórico chamado de *período especial* é representado, no texto, pela forte desintegração da cidade de Havana, que se mostra em ruínas e praticamente abandonada pelo poder público. Nesse contexto, o personagem Reinaldo, na condição de andarilho, demonstraria um não pertencimento a qualquer espaço determinado da cidade desde o dismantelamento de seu lar e de sua própria família, a qual sempre apresentou fortes sinais de desestruturação:

A cobertura cada dia ficava mais porca, fedendo mais a merda de animais. A avó quase não se mexia. Sentava-se num caixote meio podre, ou em qualquer canto. E ficava horas debaixo do sol. Tinham de enfiá-la no quarto e deitá-la. Parecia uma morta-viva. Tinham também de controlar a mãe, porque a cada dia ficava mais maluca. Já nem conseguia mais descer a escada. Eles a empurravam e gritavam para que se calasse, mas ela berrava mais ainda, pegava um pedaço de pau e mandava em cima deles, tentando defender seu território. (Gutiérrez 2000: 11)

A avó de Reinaldo, que *parecia uma morta-viva*, assim como a mãe, cada vez *mais maluca*, juntamente com as degradações espaciais, enunciam, além de uma forte desestrutura social, o paulatino esfacelamento das referências familiares do personagem. A condição de matéria orgânica em decomposição do *caixote meio podre* encontra-se em sintonia com a decrepitude física da avó de Rey, a qual também se estende para a própria alienação da idosa em relação à sua família. A mãe, que nem sequer é nomeada na narrativa, mostra-se cada vez mais agressiva, apesar de sua progressiva debilidade física. O fato de se comunicarem muito mais através da agressividade dos berros e da violência que da linguagem articulada, de a mãe defender, animallescamente, seu *território* utilizando-se de um *pedaço de pau*, e de se misturarem às degradações diversas do espaço da moradia, tudo isso parece sugerir que os personagens estariam em um estágio *pré-cultural* de relações sociais. Nesse processo, a residência teria seus espaços e divisões domésticas descompartmentados pela disseminação de sujeira e outros materiais orgânicos, em consonância com a degradação dos corpos. A família encontra-se, assim, comprometida enquanto instituição, na medida em que se esfacela juntamente com o próprio mundo sociocultural cubano. Mesmo assim, ao perder seus familiares, o personagem Reinaldo desvincula-se do espaço de sua moradia, o que abala completamente suas referências tanto psíquicas quanto espaciais, levando-o a se desestabilizar identitariamente. Primeiramente a morte violenta da mãe:

No meio da briga, a gozação da putinha o machuca ainda mais. Dá um forte empurrão na mãe e a joga de costas contra o galinheiro. De um canto da gaiola, projeta-se uma ponta de cabo de aço que se crava em sua nuca até o cérebro. A mulher nem grita. Abre os olhos com horror, leva as mãos ao ponto onde entrou o aço. E morre apavorada. Em segundos, forma-se uma poça de sangue grosso

e de líquidos viscosos. Ela morre com os olhos abertos, horrorizada. Nelson vê aquilo e de repente desaparece o ódio que sente pela mãe. (Gutiérrez 2000: 13)

Depois, a morte do irmão e da avó:

Gritando como um louco, sai correndo pelo beiral da cobertura e se atira na rua. Não sente o estrépito do seu crânio ao se arrebentar no asfalto quatro andares abaixo. Morreu igual à mãe, com uma expressão veemente de crispação e de terror.

A avozinha viu aquilo tudo sem se mexer de seu lugar, sentada num caixote de madeira podre. Sem fazer nem um gesto, fechou os olhos. Não podia viver mais. Já era demais. O coração dela parou. Caiu para trás e ficou recostada na parede, impávida como uma múmia. (Gutiérrez 2000: 14)

As expressões de horror dos familiares de Reinaldo parecem intensificar a caoticidade da cena em que seus corpos e espaços confundem, radicalmente, suas fronteiras: o sangue grosso e líquidos viscosos ultrapassam os limites interiores dos contornos da própria carne para se espalharem pelo espaço exterior e degradado da cobertura, assim como a ponta de cabo de aço é projetada para além do ambiente doméstico, perfurando da nuca até o cérebro da personagem. De forma semelhante, o próprio choque entre o crânio de Nelson e o asfalto indicaria esse movimento do interior do corpo para o exterior da rua, violando limites, inclusive entre o público e o privado. Dessa maneira, o corpo inerte de Nelson no asfalto estende, por meio da morte, suas fronteiras para o espaço da rua como local público de passagem dos transeuntes. Nesse deslocamento, o ato privado e moderno de morrer em repartições espaciais já previamente determinadas e isoladas, como no hospital, asilo ou manicômio, é subvertido na medida em que se expõe não só o corpo falecido do personagem, mas também a falência do próprio projeto de sociedade *moderna* na sua pretensão de organizar e controlar as práticas sociais nos ambientes urbanos. Esse cruzamento de fronteiras em que objetos do ambiente externo são projetados para dentro do corpo, e partes internas do corpo são jogadas para fora dele, invadindo o espaço público da cidade, indicaria, também, uma crise das instituições cubanas e seu sistema de símbolos: a desintegração da família enquanto reguladora das relações de parentesco; o fracasso do Estado como organizador dos espaços da cidade e das relações sociais em geral; da própria morte enquanto foco de procedimentos ritualísticos, pela condição explícita, desumanizada e caótica que assume na passagem. De acordo com José Carlos Rodrigues, em *Tabu da morte*,

A regra em nossa sociedade é a neutralização dos ritos funerários e a ocultação de tudo que diga respeito à morte. Veremos que os dois fenômenos estão associados estreitamente: porque nossa civilização nega a morte, não pode suportar sua ritualização; e, inversamente, por não possuir os necessários instrumentos rituais para enfrentá-la, a civilização ocidental moderna é obrigada a banir a morte e negá-la por todos os meios. (2006: 165)

O teórico ressalta que as sociedades contemporâneas do ocidente tendem a negar a morte em todas as instâncias, inclusive a simbólica contida nos próprios ritos fúnebres, no sentido de torná-los restritos a certas pessoas e a espaços bem determinados e, de preferência, o mais distante possível da vida cotidiana das cidades. Ou seja, a morte não deve ser vista nem vivida, simbolicamente, de acordo com os preceitos (pós-)modernos que tentam controlar seus processos e etapas, cada vez mais, de forma especializada. Mesmo que a cidade de Havana esteja situada em um contexto específico de *modernidade*, a morte em espaço público parece remeter ela própria a um período anterior, em que não havia separações tão nítidas entre os ambientes de viver e de morrer, comprometendo, assim, suas pretensões e ambições civilizacionais.

Após o incidente que matara todos os membros de sua família, Reinaldo é levado para o reformatório-presídio, que repete o fracassado ambiente doméstico da família:

Logo chegaram quatro guardas distribuindo porradas a torto e a direito. Apartaram os dois. Receberam ordem de vestir só as calças e foram levados para os calabouços de castigo. Escuridão absoluta, quase sem espaço para se mexer, umidade permanente, ratos e baratas. (...). Enfim, o tiraram e o reintegraram ao grupo. Voltou a se sentir uma pessoa, porque no calabouço já estava com cheiro de barata, pensando e se sentindo igual a uma barata (Gutiérrez 2000: 16).

Após uma briga, Reinaldo é agredido pelos guardas e preso em um calabouço degradado. Nesse momento, a instituição penitenciária expõe sua incapacidade de recuperar socialmente os indivíduos ao se mostrar muito mais preocupada em puni-los e separá-los do resto da sociedade para melhor controlá-los. A respeito da relação entre o corpo e os espaços das prisões modernas, em *Vigiar e punir* Michel Foucault afirma que:

O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário; qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório visa privar o indivíduo da sua liberdade considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico, a dor do corpo não são mais os elementos constitutivos da pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos. (2001: 14)

O filósofo ressalta que, na era moderna, a punição sobre os *justicáveis* aboliu, em certa medida, o suplício físico a que eram submetidos anteriormente, como torturas e esquartejamentos, para concentrar-se no processo de *domesticação* do corpo: ao ser submetido pelo poder disciplinar das instituições penais, o indivíduo agiria em função de comportamentos e posturas funcionais pré-determinados, cerceando, em princípio, as facetas mais incontroláveis de sua subjetividade. Ou seja, o adestramen-

to da *alma* ou da mente promoveria a domesticação do corpo nesse processo de punição que visaria muito menos uma *recuperação* em si do condenado do que o controle sobre a eficácia de seus movimentos e funcionamentos, legitimando, assim, um conjunto de saberes e poderes sobre o corpo. Nesse contexto moderno, “encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. (Foucault 2001: 117). Entretanto, o corpo ainda poderia passar por algum tipo de sofrimento físico no ambiente carcerário, como restrição de movimentos, abstinência sexual, etc. Na passagem anterior da narrativa de Gutiérrez, Reinaldo é agredido fisicamente pelos guardas, o que remeteria a uma idéia de punição em nível mais corporal do que mental, indicando, assim, muito mais uma falta de controle sobre o corpo do que seu exercício, mesmo porque a própria instituição exibe o fracasso de sua função. Em seguida, o adolescente é levado para o calabouço, configurando, assim, a punição em um contexto mais *modernizado*, em que o corpo é privado de sua liberdade. Esse tipo de castigo pode ser considerado como uma estratégia de adestramento da subjetividade que se refletiria no próprio corpo do personagem, pois, além de contê-lo e separá-lo dos demais menores de idade, impõe, supostamente, limites em seu comportamento agressivo quando fora do cárcere, já que ele se sabe suscetível a nova punição. Porém, tal objetivo perderia força em Reinaldo, pois sua identidade, por se mostrar esvaziada, não seria tão ameaçada.

As fronteiras entre o corpo de Reinaldo e o ambiente do calabouço são diluídas, na medida em que se apresentam misturadas via degradação, além de se tornarem indiferenciadas pela escuridão. O fato de cheirar a barata e *pensar* como ela reforça não só a idéia de apagamento de limites físicos, mas também simbólicos, pois o personagem tem seu sentimento de humanidade comprometido nesse processo ao ser identificado com o estado de animalidade desses insetos. Nesse sentido, a instituição prisional poderia ser questionada, porque fracassa em sua pretensão de organizar e codificar o corpo para que ele se torne mais funcional e *bem aceito* pela sociedade. Vida e morte se apresentam unidas também nesse contexto, pois suas fronteiras seriam cruzadas no momento em que se promove exclusão social (morte simbólica) em instituições criadas, aparentemente, para combatê-la. Sendo assim, ao invés de significar vida, a imposição das marcas simbólicas ao corpo adquire o sentido de *morte social*, pois o adolescente já se apresentaria tão comprometido subjetivamente, que a punição apenas reforçaria seu processo de esvaziamento.

No texto de Noll, essas contradições sociais também são expostas com frequência: “miseráveis fregueses de um INPS miserável, com nossos pijamas uniformizados sebentos, peçonhentos, manchados, mijados, babados, cagados, fregueses tão à flor da morte que só nos restava ficar à mercê do INPS dentro das paredes e continuar na nossa sujeira, feiúra, insensatez de base” (1989: 34).

Nessa passagem, o narrador-personagem revela a mistura entre o ambiente do hospital e os corpos dos internos. Nesse cruzamento de fronteiras, o próprio INPS enquanto instituição social fica comprometido, na medida em que promove não a saúde e a vida dos corpos, mas sim sua morte simbólica em forma de degradação,

exclusão e tentativa de controle. Nesse deslocamento de limites entre o que é considerado racional ou insano, saudável ou enfermo, as normas e práticas sociais do hospital mostram-se contaminadas pela miséria e quase decomposição dos corpos e instalações, convertendo a própria instituição, que se pretende promotora de saúde, em *loucura, enfermidade* e aberração. A respeito da importância de se levar em conta o domínio detalhado sobre corpos e espaços, Foucault observa que “A minúcia dos regulamentos, o olhar esmiuçante das inspeções, o controle das mínimas parcelas da vida e do corpo dão, em breve, no quadro da escola, do quartel, do hospital ou da oficina, um conteúdo laicizado, uma racionalidade econômica ou técnica a esse cálculo místico do ínfimo e do infinito (2001: 121).

Essa ciência desenvolvida para regular a vida social dos corpos em instituições disciplinares é posta em xeque no hospital descrito na passagem de Noll, pois sua dita racionalidade é convertida em caoticidade que promove muito mais a mistura de elementos degradantes do que sua separação e contenção em seus respectivos compartimentos corporais e ambientais. Nesse processo, o controle máximo do ínfimo corporal e espacial seria diluído pela disseminação da doença e da sujeira, as quais contaminam o próprio ato de se catalogar os pacientes de forma sistematizada. Os pijamas *uniformizados, mijados cagados* e *babados* podem ser considerados como metáforas desse processo, pois o apagamento de suas marcas classificatórias torna indistintas as fronteiras entre corpos e ambientes hospitalares via degradação, ao invés de separá-las em nome da higiene e da saúde. Nesse sentido, operações como “distribuição e análise, controle e inteligibilidade” (Foucault 2001: 127), são questionadas na passagem do texto, pois a incapacidade de organização sobrepõe-se à tentativa de sistematização racionalizada da instituição hospitalar brasileira.

José Carlos Rodrigues, em sua obra intitulada *Higiene e ilusão*, a respeito do corpo na época medieval, afirma que:

Trata-se de um ambiente de abraços, de contatos corporais próximos, de coexistência e troca de secreções, de toques corporais na barriga e nas costas, da liberdade verbal que dá nomes sem rodeios e eufemismos às partes do corpo, liberdade que é também a dos orifícios corporais, a que se não condena absolutamente ao silêncio semiótico. Orifícios livres, sinceros. (1995: 34)

O teórico ressalta que, na época medieval, as sensibilidades dos corpos das pessoas comuns eram outras, pois se convivia com odores e contatos corporais diversos, sem que isso fosse considerado ofensivo. A maioria da população medieval da Europa se caracterizava por praticar hábitos pagãos que a Igreja não conseguia ainda controlar, como a convivência corporal com cadáveres e secreções diversas que se misturavam, como suores, sêmem, urina e fezes humanas e de animais. Além disso, a própria morte era encarada de modo diferente, pois não se separava o mundo dos vivos do dos mortos, assim como não se opunham corpo e espírito. Os cemitérios localizavam-se, muitas vezes, nas igrejas ou próximas a elas, com suas sepulturas coletivas e semi-abertas, convivendo com atividades sociais diversas, como feiras de alimentação, danças em festas populares, etc. Rodrigues acrescenta que “isso que nos causa nojo

e temor aos nossos corpos de hoje, causava riso, familiaridade, intimidade, à sensibilidade medieval” (1995: 35). Ao contrário da época medieval, a política higienista, que se instalou no ocidente com o advento do Iluminismo, preocupou-se em separar os corpos de suas excreções, assim como o mundo dos vivos do dos mortos. Cemitérios foram deslocados para *fora* dos limites das cidades, bem como os lixões, destinados a funcionar como depósitos de restos do que era produzido pela sociedade industrial. De acordo com o teórico, a noção de lixo traz à tona significações simbólicas que implicam em associar as classes mais pobres à idéia de sujeira, contaminação e periculosidade. Assim, aqueles considerados excluídos socialmente seriam relegados a uma condição semelhante à do lixo e do cadáver, pois representariam não só um risco de *contaminação* moral e alusão à degradação física, mas também uma ameaça de morte simbólica indicada por uma possível perda de privilégios sociais. Nesse sentido, a repulsa que esses membros de classes menos favorecidas provocam parece ser não só de caráter físico ou moral, mas também social, justamente por ser capaz de questionar e subverter a arbitrariedade de certas fronteiras que tentam separar vivos de mortos, sujeira de limpeza, lixo de utilidades, ricos de pobres.

As considerações de José Carlos Rodrigues sobre o corpo nas eras medieval e moderna dialogam diretamente com as questões dos andarilhos nas cidades contemporâneas. Ao evidenciar as degradações dos corpos e dos ambientes citadinos, as narrativas de Noll e de Gutiérrez apresentam, metonimicamente, as próprias sociedades como *corpos* urbanos em processo de desfiguração e tanatomorfose. As imagens de progresso, urbanização e status social dos bairros nobres do Rio de Janeiro, como Copacabana e Leblon, aparecem, no texto de Noll, com as *fachadas* de suas construções contaminadas e *carcomidas* pela degradação, sujeira, miséria, medo, violência e insegurança urbanas, como uma espécie de *lepra* que corrói a *face* e o *corpo* da cidade. Não é sem razão que a imagem desfigurada do leproso sem lábios do texto de Noll remete, alegoricamente, a uma ameaça potencial de morte que horroriza e assombra, justamente por tornar explícita a impossibilidade de se exorcizá-la para fora do mundo dos vivos, na medida em que se apresenta como espelho e imagem de si próprio:

já era tarde porque a porta do barraco se abria e lá de dentro veio surgindo uma escopeta trêmula segurada por pedaços comidos de dedos e mão. E logo surgiu o corpo todo comido na boca orelhas nariz olhos pés envolto num longo pano branco imundo rasgado. Um leproso. (...) os cachorros brincando em volta com uma bola de pano que um deles jogou com um sorriso que nunca se poderia descobrir ser realmente sorriso visto sua boca escancarada por faltas de lábios mas os dois dentes que restavam naquele buraco pareciam sorrir para os cachorros. (Noll 1989: 49-50)

Qualquer semelhança com o padrão residencial e familiar instituído, em que as pessoas se reúnem para conversar e brincar com seus animais de estimação, não seria mera coincidência. Nesse momento, a morte tornar-se-ia muito próxima da vida, ao evocar, de modo inegável, a presença de seu poder de dissolução da existência

humana no próprio cotidiano da cidade. De acordo com Rodrigues (2006), a presença da morte torna-se algo tão insuportável para as sociedades contemporâneas, que tentam negá-la de todas as formas possíveis, sendo a exclusão social uma delas, justamente pela idéia de *decomposição* física, moral e social que a camada mais desfavorecida da população remete às demais. Vale a pena lembrar, entretanto, que, apesar de a narrativa de Noll evocar a morte via degradação dos corpos e espaços citadinos, o personagem narrador e Afrodite a *preenchem* com suas experiências eróticas, afastando, portanto, o seu caráter de esvaziamento e finitude da existência. É esse tipo de contato que o personagem narrador desenvolve com o cadáver do menino que conheceu na enfermaria do INPS e depois reencontrou morto:

já dentro do prédio olhei para o interior de uma sala à esquerda e o que vi eu vi e ninguém nunca saberá o quanto eu vi o menino o meu menino jogado no chão, nu, morto o meu menino com um tiro cavernoso no coração, corri para o encontro dele e que me matassem por eu correr e que me trucidassem e que me esarteassem mas aquele era o meu menino e estava morto ali com um tiro cavernoso no coração atirado na laje fria, e me ajoelhei e peguei sua cabeça, e seu corpo, frio, eu pus sobre meus joelhos e éramos como do mesmo mármore, da mesma pedra como a madona e seu filho e ninguém nos tiraria uma lasca, lambi sua ferida do coração e veio um PM e me esbofeteou. (Noll 1989: 69)

No ambiente do presídio carioca, o narrador de Noll reage mais que corporalmente ao lambar a ferida feita pelo tiro no coração do garoto, pois há uma identificação do personagem com a *madona e seu filho*, os quais funcionariam como um instrumento de *sacralização* da materialidade de seus corpos ao evocar, através da Virgem Maria como referência religiosa cristã, o ambiente espiritual. Dessa maneira, a morte é encarada de forma erotizada nessa cena, na medida em que o narrador vivencia tão profundamente a condição miserável do corpo inerte do menino que chega a *sacralizar* o ato de lambar seu ferimento em sua mundanidade *obscena*. A referência à relação mãe e filho da tradição bíblica é também transgredida ao ser deslocada para a cena em que o narrador se ajoelha, *solenemente*, e estabelece um contato corporal nada ortodoxo com o adolescente, assumindo um caráter de sensualidade por demais incestuosa para uma relação de *parentesco* tida como tão próxima e espiritualizada. Nesse sentido, a passagem do texto *resgataria* a condição sagrada que o erotismo continha em culturas pagãs, anterior à era cristã em que as práticas sensuais passam a ser tidas como pecaminosas e demoníacas. Dessa forma, ocorreria a *profanação* do plano espiritual instituído pela cristandade, que se faz presente na sacralização da cena em seu erotismo carnal e terreno. Nesse processo, a instância do sagrado *desloca-se* para a materialidade profana dos corpos na sala policial, não só invertendo, mas misturando as fronteiras entre as instâncias sagrada e profana. Ao lambar a ferida provocada pelo tiro, o narrador também subverte a morte enquanto tabu, já que estabelece um contato tão íntimo com o corpo do garoto, que procura ir além dos ritos fúnebres como despedida institucionalizada e, conseqüentemente, como forma de lidar com o morto. Não é sem razão que o policial, enquanto representante do instituído, esbofeteia o narrador. Sendo assim, na conexão dessas dimensões, o

cadáver do adolescente torna-se algo digno de ser *provado* pelo narrador, tornando a morte, então, uma experiência erótica transgressora dela própria, tanto em seus sentidos padronizados e pré-estabelecidos pela cultura quanto em sua possibilidade de nadificação da existência. Para Seligmann-Silva (1999), “ambos os conceitos, sublime e abjeto, lidam com o inominável e sem-limites, mas o sublime remete ao sublime espiritual – e o abjeto ao nosso corpo” (Seligmann-Silva 1999: 132). Entretanto, na narrativa de Noll percebe-se que o sublime e o abjeto manter-se-iam imbricados nesse processo de inversões de fronteiras, na medida em que se misturam na materialidade vil e ao mesmo tempo sagrada dos corpos.

No texto de Gutiérrez, a cena da morte de Magda mistura corpo, espaço, vida e morte:

Rey, já sem controle, acertou-lhe outro corte no pescoço. Cortou-lhe a carótida. De um só golpe. Um jorro de sangue voou e ensopou ambos. Magda abriu os olhos desmesuradamente. (...)

(...). Penetrou-a. Nunca havia sentido uma coisa tão fria em seu pau. E gozou em seguida. Sem tocar mais em cima dela. Não queria olhar. Estava hipnotizado pela boceta de Magda. O resto do corpo era um monturo de sangue coagulado. Quando soltou a porra, tirou o pau. Sacudiu os restos e disse em voz alta:

- Vá gozar outro, Magdalena! Eu sou o Rei de Havana! Ninguém me goza, muito menos uma puta de rua que nem você! (Gutiérrez 2000: 218).

Reinaldo, após assassinar Magda, relaciona-se sexualmente e dialoga com o cadáver como se ele ainda estivesse vivo e fosse capaz de ouvi-lo. Dessa forma, a reação fisiológica de Reinaldo diante do corpo inerte de Magda cruza as fronteiras entre vida e morte, na medida em que há mistura de secreções de seu corpo vivo com os do cadáver, mantendo-o algum tempo, além disso, no mesmo espaço em que vivia. Isso remeteria, até certo ponto, às práticas medievais em que o morto *participava*, até ser enterrado, do convívio social, pois se acreditava que o espírito estaria presente e ainda ligado ao corpo. Não se trata no texto, entretanto, de comunhão de espíritos, ou de crença no pós-morte, pois o contato entre os personagens mostra-se puramente físico, animalizado e acultural. Reinaldo não está preocupado em estabelecer significados para a morte e nem em transgredi-la enquanto interdito, pois o sexo que faz com o corpo inerte de Magda não apresenta nada de erotismo. Para Georges Bataille, “o erotismo é o desequilíbrio no qual o ser coloca a si mesmo em questão, conscientemente. (...). Se for necessário, posso dizer que no erotismo Eu me perco” (2004: 48). Porém, não seria esse o processo desenvolvido por Rey na passagem anterior, pois seria fruto do enfraquecimento de suas pulsões, assim como do próprio desejo mobilizador, o qual se mostraria comprometido em seu processamento simbólico capaz de promover consciência de si enquanto sujeito da morte como interdito e de qualquer objeto exterior como alvo da libido. O resultado dessa falência psíquica seria comprovado pelo comportamento praticamente acultural do personagem, observável, principalmente, em suas interações sexuais, promovidas muito menos por conflitos pulsionais do que por impulsos meramente sexuais e animalizados.

Seja por esvaziamento do desejo e da linguagem no texto de Gutiérrez, ou por transgressões eróticas que beiram o indefinido na narrativa de Noll, as feridas infeccionadas e as fraturas expostas dos corpos dos andarilhos de ambos os romances estendem as suas fronteiras e contaminam o *corpo* das instituições sociais brasileiras e cubanas, ficando a própria cultura que as criaram e o conceito de civilização, irreversivelmente, problematizados. Em ambos os textos, as contradições inerentes à pós-modernidade, mesmo no contexto particular do sistema socialista em Cuba, subvertem as compartimentações diversas das respectivas sociedades, revelando as contaminações existentes entre instâncias supostamente separadas por fronteiras. Ao mergulharem profundamente seus corpos na sujeira e nas degradações diversas, sem considerá-las como tal, os personagens de ambos os textos parecem apresentar algumas semelhanças com o corpo medieval. A contaminação do mundo dos vivos pelo dos mortos, por exemplo, adquire um significado simbólico muito perturbador não só para a modernidade em si, mas para a própria cultura enquanto afirmação de humanidade, pois remeteria a um tempo anterior à sua existência e formação da vida em sociedades. Dessa forma, o sujeito e seu corpo, as cidades e suas instituições, se encontrariam intimamente ligados e questionados, via desmantelamento em Gutiérrez, ou circulação alucinante de significados instituídos em Noll. O processo de industrialização e de desenvolvimento da tecnologia, a construção de cidades planejadas, além de todas as mudanças estruturais promovidas nas sociedades modernas, seriam problematizados, ou seja, a modernidade seria questionada em seus próprios moldes. A existência da violência urbana, do lixo e da pobreza denuncia a ingenuidade e a ilusão da modernidade em pensar que dessas mazelas se distancia ao simplesmente excluir socialmente aquilo que é considerado indesejável, em nome de uma organização social idealizadora do próprio conceito de civilização. Nesse sentido, o incômodo maior da modernidade seria constatar que, em sua dinâmica, baseada no culto ao futuro, na velocidade tecnológica, na mudança e na efemeridade do novo, residiria um retrocesso capaz de questionar sua própria existência, viabilidade e legitimidade.

OBRAS CITADAS

- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. de Cláudia Fares. São Paulo: Editora Arx, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Trad. Raquel Ramalhe. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- FREUD, Sigmund. “Além do princípio do prazer”. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Vol. XVIII. Trad. Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.
- GUTIERREZ, Pedro Juan. *O Rei de Havana*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NOLL, João Gilberto. *A fúria do corpo*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- RODRIGUES, José Carlos. *Higiene e ilusão*. Rio de Janeiro: Nau, 1995.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Do delicioso horror sublime ao abjeto e à escritura do corpo*. Abralic. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2006.

WANDERING BODIES IN THE SPACES OF THE CITIES

ABSTRACT: The novels *A fúria do corpo* by João Gilberto Noll and *O rei de Havana* by Pedro Juan Gutierrez present an intense relation between the characters' bodies and the spaces about their respective cities, Rio de Janeiro and Havana. In these contacts the bodies work as an identity reference, intermediated by frequent sexual relationship and various kinds of violence. This movement seems to find resonance at the incessant wandering in the cities, indicating a meaningful displacement and disrupting boundaries.

KEYWORDS: eroticism, violence, body, city.

Recebido em 12 de abril de 2009; aprovado em 30 de junho de 2009.